



Boletim Informativo

Saúde de Adolescentes e Jovens

GOIÂNIA-GO | SETEMBRO/2020 | EDIÇÃO 2 | ANO 1

Violência X Convivência em homens adolescentes e jovens

A violência é um fenômeno complexo, multifatorial, que está correlacionado com determinantes sócio/econômicos, culturais, comportamentais e familiares, afetando a saúde individual e coletiva.

É um grave problema social e de saúde pública, que impacta de forma intensa os adolescentes e jovens, principalmente os homens, mostrando a vulnerabilidade desta faixa etária e a necessidade de ampliação de trabalhos voltados para este grupo.

Os impactos na qualidade de vida se revelam pelas marcas físicas e psíquicas deixadas, além dos riscos da mortalidade precoce, tornando-se necessário sensibilizar e mobilizar a sociedade para promover a redução do impacto da violência na saúde, com ênfase nos fatores protetivos.

Alguns tipos de Violência:

Violência interpessoal pode ser definida como o uso da força física ou ameaça do uso da força com intenção de prejudicar uma pessoa ou grupo.

Violência institucional se caracteriza pelo uso do poder de um grupo sobre outro.

Violência de Gênero se refere a qualquer ato de violência, que resulte, ou possa resultar num dano físico, sexual ou psicológico e sofrimento para as mulheres, incluindo as ameaças de tais atos, coerção ou privações arbitrárias de liberdade que ocorrem no âmbito público ou privado.



Dados da Violência:

A maioria dos atos de violência na esfera pública é cometida por homens jovens contra outros homens jovens e, na esfera privada, por homens contra mulheres.

Dois terços das mortes entre jovens de 15 a 19 anos no Brasil são por causas externas – homicídio, acidentes de trânsito e outras causas violentas.

Os ferimentos resultantes de violência estão entre as principais causas de morbidade e mortalidade entre adolescentes e jovens homens. A violência afeta homens jovens entre 15 e 24 anos mais do que qualquer outra faixa etária nas Américas.

A taxa de homicídios na América Latina é em torno de 20 para cada 10.000 ao ano, a maior do mundo, com grande parcela de homens jovens, mostrando a vulnerabilidade desta faixa etária.

Outras formas de violência: brigas, assaltos, violência doméstica, entre outras que são comuns e afetam nossos jovens, com maior concentração nas áreas urbanas.

Importante ressaltar que a violência ocorre em todas as classes sociais, porém os jovens de baixa renda estão mais expostos a receberem punição legal e à repressão policial que os de classe média e alta.

Grande parte da população carcerária é composta de homens, que encontram-se em situações precárias e também violentas. Portanto, muitas vezes, as respostas ao enfrentamento à violência reproduzem situações violentas.

O elevado índice de violência traz enorme ônus para a economia e, como já mencionado torna-se um grave problema de saúde pública.

A maioria dos autores de violência são homens jovens.

Porém, **grande parte dos jovens não são violentos**, mas geralmente são estimulados pelos seus pares, comunidade e mídia a terem atitudes violentas ou a se silenciarem frente a situação de violência.

Este “pacto” de silêncio dos homens jovens sobre a violência de outros homens, precisa ser quebrado. Homens devem denunciar violências vistas e sofridas.

Qual a razão disto? O que pode ser feito para alterar esta realidade?

Estudos mostram que grande parte destes adolescentes/jovens passaram por experiências de violência, ou foram testemunhas de violência, muitas vezes reproduzindo padrões sem a oportunidade de refletir sobre isto. Outros jovens mostram-se assustados e preocupados com a violência cometida ou sofrida.

Trabalhos relatam experiências positivas com grupos de homens jovens, que se mostram disponíveis para pensar novas possibilidades de resolver, negociar e repensar as relações de poder e questões de gênero. É necessário ampliar os trabalhos voltados a tais grupos, favorecendo a expressão, reflexão e troca de experiências.

Para um trabalho preventivo precisamos trabalhar juntos aos jovens, buscando condições para promover uma convivência pacífica, baseada na **“CULTURA DA PAZ”**.

Há uma “causa” biológica para os homens serem mais violentos? Como a socialização influencia na violência dos rapazes?

Alguns estudos sugerem algumas diferenças biológicas, como taxa mais alta de falta de controle dos impulsos, hiperatividade, maior reatividade e irritabilidade, traços que podem ser precursores da agressividade.

No entanto, tais aspectos têm papel mínimo na explicação da violência com maior relevância para os fatores sociais e culturais.

Homens não são naturalmente mais violentos. Eles aprendem a ser violentos.

Então, se a violência é aprendida e reproduzida, ela pode ser desaprendida e prevenida!

Meninas x Meninos

Meninos são mais propensos a usar agressão física (chutar, bater, etc) e meninas usam mais agressão indireta (ignorar, rejeitar alguém do grupo social, etc).

*Ao ver figuras masculinas de referência (principalmente pai e irmãos) tendo comportamentos violentos;

* Com o incentivo a brincadeiras com armas e jogos violentos;

* Ao ser tratado de forma violenta pelos familiares ou por outros adolescentes do seu grupo social;

* Com o estímulo a terem comportamentos violentos e sendo ridicularizados se não o fazem;

* Sendo ensinados a expressar raiva e agressividade e não outros sentimentos como tristeza, medo, frustração, entre outros, o que traz dificuldades na expressão dos sentimentos de forma saudável;

* Não sendo estimulados ao diálogo e mediação como forma de resolver conflitos;

* Ao participar de grupos cuja relação está baseada na competição e disputa pelo poder.

* Com justificativas de violência levando a responsabilização ou desqualificação da vítima;

* Sendo educados para terem um “senso de honra” exagerado, expostos a provas de coragem ou a riscos para demonstrar sua coragem, virilidade e masculinidade, muitas vezes como forma de aceitação pela turma; o que aliado à vontade de sentir uma emoção diferente, enfrentando situações de desafio e perigo, faz com que os jovens se exponham a riscos;

* Com exposição constante a cenas de violência na mídia, vídeos e em jogos, que muitas vezes banalizam e naturalizam a violência;

Secretaria de Estado da Saúde de Goiás
Superintendência de Atenção Integral à Saúde
Gerência de Atenção Primária à Saúde
Coordenação de Ciclos de Vida
Subcoordenação em Saúde do Adolescente, Homem e
Idoso

Superintendente
Sandro Rogério Rodrigues Batista

Gerente
Ticiane Peixoto Nakae da Silva

Coordenadora
Fernanda Ramos Parreira

Subcoordenadora
Polyanna Ribeiro Guerreiro

Equipe Técnica

Denise Ribeiro de Deus
Eliane Portilho Vencio
Maria de Lourdes Miguel Alcântara
Renata Fonseca Pereira

Av. 136 Q. F 44, L. 22 a 24, Ed. César Sebba, 7º andar
Setor Sul, Goiânia-Goiás Contatos: (62) 3201-7000
gerap.subcahi.saude@goias.gov.br

Nesta época de pandemia o agravamento dos problemas sócio/econômicos pode levar a maior estresse, ao início ou intensificação de conflitos familiares e maior uso de coerção e disciplinas físicas pelas famílias.

Homens jovens que são acolhidos por suas famílias ou rede social de apoio, que partilham atividades, que tem um diálogo aberto, com exemplos positivos dentro e fora de casa e que são acompanhados de perto tem menor chance de se tornarem violentos, independente de classe social.

DICAS:

* Evitar rotular adolescentes e jovens como “violentos”, “problemáticos” e “agressivos”, isto pode levar ao estigma, à exclusão de atividades positivas e socializadoras, como também o jovem passa a ser tratado de forma excludente ou até violenta;

* Facilitar a participação comunitária, vendo o adolescente e jovem como Agente Transformador a favor da Paz. Através de espaços propícios, mesmo que virtuais, onde eles possam se expressar e trocar experiências, principalmente nesta época de pandemia. Facilitando o estabelecimento de vínculos afetivos saudáveis com pais, amigos, professores, profissionais de saúde, etc;

* Estimular a reflexão crítica frente às mídias sociais;

* Estimular que falem das violências sofridas e praticadas, para que possam compreender a conexão entre ser vítima de violência e cometer atos, ajudando-os a pensar na dor que tais atos causaram neles, podendo ajudar a interromper o ciclo da violência de vítima para possível agressor;

* Incentivar a denúncia ao ver ou vivenciar atos de violência;

* Ter escuta qualificada, ofertando apoio e fazendo os encaminhamentos à psicoterapia e acompanhamento médico especializado, caso necessário;

* Responsabilizar o jovem frente aos seus atos, ampliar a consciência e criar uma “pressão positiva” de que atos de violência são inaceitáveis,
* Apoiar a criação de versões de masculinidade que incluam a paz e o respeito; e

* Auxiliar na conscientização que o homem não deve submeter-se a provas de masculinidade que envolvam riscos e violência, e que acabam se constituindo como uma violência contra si mesmo. O foco é o cuidado com a integridade física e emocional.



Referências:

Da Violência para a Convivência, da série: Trabalhando com Homens Jovens, do Projeto H [Caderno 3], 2001.

Razões e Emoções, da série: Trabalhando com Homens Jovens, do Projeto H [Caderno 4], 2001.

Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde., do Ministério da Saúde, Brasília, DF 2010.